



AVALIAÇÃO DO NÍVEL CONCEITUAL DE ESCRITA DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL

Neidyana Silva de Oliveira

Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará; Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza; Pesquisadora do grupo de pesquisa LER – Linguagem Escrita Revisada; Pesquisadora no campo da Linguagem Escrita e Deficiência Intelectual.

Francisca Jâmilia Oliveira Barros

Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará; Professora da Prefeitura Municipal de Fortaleza no Instituto Moreira de Sousa; Pesquisadora do grupo de pesquisa LER – Linguagem Escrita Revisada e do grupo ARCA; Pesquisadora no campo da Deficiência Intelectual, Linguagem Escrita e Comunicação Alternativa.

Adriana Leite Limaverde Gomes

Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará; Professora Adjunta da Universidade Federal do Ceará; Coordenadora adjunta do Projeto Interinstitucional ARCA- Alfabetização com Recursos Abertos de Comunicação Alternativa a partir de Métodos e Tecnologias Inovadores Aplicados à Crianças com Deficiência Intelectual e/ ou TEA.

Rita Vieira de Figueiredo

PhD; Professora titular da Universidade Federal do Ceará – UF; E-mail: aee.rita@gmail.com
Agência financiadora: CAPES

RESUMO

O presente estudo objetiva analisar a evolução conceitual da língua escrita de cinco alunos com deficiência intelectual matriculados em turmas de 2º, 3º e 5º anos de duas escolas da rede pública municipal de Fortaleza – CE. Neste artigo será apresentado um recorte dos resultados de duas pesquisas de mestrado (BARROS, 2017; OLIVEIRA, 2017) desenvolvidas em parceria no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. A primeira pesquisa consistiu na produção de textos por meio do software Scala Web na sala de recurso multifuncional. Enquanto a segunda utilizou essas produções, a fim de revisar e reescrever em duplas de alunos com e sem deficiência intelectual no contexto da sala de aula comum. No início e término das pesquisas, os cinco sujeitos foram avaliados por meio de atividades acerca do nível conceitual da escrita. Neste trabalho, serão apresentados os resultados referentes ao ditado de palavras compostas por sílabas canônicas e não canônicas com o apoio de imagens. De acordo com os resultados dessa avaliação inicial e final, quatro dos cinco alunos evoluíram no nível conceitual da escrita, sugerindo que eles passam pelas mesmas etapas de desenvolvimento da língua escrita dos alunos



sem esse tipo de deficiência. Verificamos também que a evolução do nível conceitual implica na participação de atividades de leitura e escrita com significado social e não em atividades que mecanizam a leitura e a escrita.

Palavras-chave: Avaliação. Língua Escrita. Deficiência Intelectual.

ABSTRACT

The present study aims at analyzing the conceptual evolution of written language of five students with intellectual disabilities enrolled in classes 2nd, 3rd and 5th degrees of two public schools municipal de Fortaleza-CE. The results are part of two master's research (BARROS, 2017; OLIVEIRA, 2017) developed in partnership consisting in the production of texts via the Scala Web software (BARROS, 2017) and these productions were revised and rewritten in doubles in the context of the classroom (OLIVEIRA, 2017). At the beginning and end of the five subjects were assessed through evaluation activities of the conceptual level of writing, but in this article we will present only the results for the dictation test of compound words by canonical and non-canonical syllables with the support of the image. After applying the initial and final evaluation we found that four of the five students have evolved at the conceptual level of writing, demonstrating that students with intellectual disabilities go through the same stages of development of the students' written language without this type of disability, as well as develop conceptual level since that participate in reading and writing activities with social meaning and not activities that mechanize reading and writing.

Key-words: Evaluation. Written Language. Intellectual Disabilities.

Introdução

O presente trabalho pretende analisar a evolução conceitual da escrita de cinco alunas com deficiência intelectual, matriculadas em turmas do Ensino Fundamental da rede pública municipal de ensino de Fortaleza – CE. Os resultados constituem parte de duas pesquisas de mestrado (BARROS, 2017 e

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



OLIVEIRA, 2017) desenvolvidas em parceria no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC. A primeira consistiu na produção de textos por meio do software Scala Web na sala de recurso multifuncional. Enquanto a segunda utilizou essas produções a fim de revisar e reescrever em duplas de alunos com e sem DI no contexto da sala de aula comum.

A atividade avaliativa baseou-se na concepção psicogenética da aprendizagem da linguagem escrita desenvolvida por Ferreiro e Teberosky (1999), uma vez que as crianças com deficiência intelectual passam pelos mesmos conflitos cognitivos que as crianças sem esse tipo de deficiência até se apropriarem do sistema de escrita alfabética. As diferenças entre esses dois grupos de alunos apontadas pelas pesquisas desenvolvidas nesse campo de investigação (GOMES, 2006; FIGUEIREDO, 2010; SILVA, 2016) fazem referência ao ritmo de aprendizagem e ao tipo de mediação oferecida a essas crianças, que poderão contribuir ou não com a sua aprendizagem.

Neste estudo, aborda-se a concepção de avaliação como meio de garantir a aprendizagem dos alunos envolvidos nesse processo. Concorde-se com Faria e Cavalcante (2015), quando enfatizam o aspecto processual da avaliação, e defendem que ela funciona como um diagnóstico para que os professores possam compreender os conhecimentos consolidados, e aqueles em vias de construção por seus alunos. Esse conhecimento permite ao professor planejar as atividades pedagógicas que favorecem avanços na aprendizagem. Luckesi (2011) define a avaliação diagnóstica como aquela em que o professor adota a avaliação como um mecanismo de diagnóstico da situação, e procura visualizar o avanço e o crescimento do aluno e não a estagnação disciplinadora.

Corroborando essa concepção, Condemarín e Medina (2007) destacam a avaliação como um recurso capaz de garan-



tir melhorias na qualidade da aprendizagem, de modo que o maior percentual possível de alunos obtenham êxito na aprendizagem. Um processo avaliativo de qualidade não é aquele que simplesmente classifica o aluno ou que compara o seu rendimento de aprendizagem a um nível padrão de aprendizagem, mas sim um processo que aponta as fragilidades e potencialidades da aprendizagem do aluno e utiliza esse resultado como recurso de orientação do planejamento do professor.

Nessa perspectiva de avaliação diagnóstica, consideramos que a leitura e a escrita são aprendizagens imprescindíveis para o aluno na escola e na sociedade, uma vez que é através da leitura e da escrita que nos apropriamos dos bens culturais de uma sociedade (FIGUEIREDO, 2009). Desse modo, foi fundamental que as pesquisadoras tivessem clareza do nível de leitura e escrita das alunas participantes das investigações, para que pudessem intervir adequadamente na aprendizagem das habilidades escritora e leitora.

Referencial teórico

Com as pesquisas de Ferreiro e Teberosky (1999), a aprendizagem da leitura e da escrita passou a ocupar lugar de destaque nas pesquisas acadêmicas. O destaque deu-se ao fato das autoras não mais apontarem questões relacionadas aos métodos de alfabetização e sim ao caminho percorrido pela criança até a consolidação do sistema de escrita alfabética. Desse modo, as crianças deixam de ser meras acumuladoras de conhecimentos e passam a ter papel ativo na construção do seu conhecimento. Ressaltamos que esse novo modelo de sujeito da aprendizagem também é válido para as crianças com deficiência intelectual, tendo em vista os processos cognitivos seme-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



lhantes na alfabetização, se compararmos com outras crianças sem esse tipo de deficiência.

O presente estudo se apoia nas pesquisas empreendidas por Vernon e Ferreiro (2013) que classificam a escrita infantil em seis níveis a saber: pré-silábico; silábico inicial; silábico estrito sem uso de letras pertinentes; silábico estrito com uso de letras pertinentes; silábico-alfabético e alfabético.

No nível pré-silábico, as crianças não estabelecem qualquer relação entre grafemas e fonemas, assim como seus escritos são lidos de modo contínuo. No nível silábico inicial, observa-se uma tentativa de realizar a correspondência entre fonemas e grafemas, essa tentativa de correspondência, por sua vez, é realizada durante a leitura dos seus escritos, mas a correspondência nem sempre ocorre de maneira estrita. O nível silábico estrito sem uso de letras pertinentes, caracteriza-se pelo maior controle observado na quantidade de letras utilizadas para escrever uma determinada palavra, embora as letras utilizadas não sejam pertinentes à palavra escrita. As crianças com escrita nesse nível realizam a correspondência entre sílaba oral e letras escritas. No nível silábico estrito com uso de letras pertinentes, assim como no nível anterior, as crianças realizam a correspondência entre oral e escrito, no entanto, nesse nível, as letras utilizadas são pertinentes à escrita da palavra, assim como é observado o uso sistemático de uma letra para representar cada sílaba oral.

O nível silábico-alfabético caracteriza-se pela oscilação apresentada pela criança, de modo que ela escreve em alguns momentos de maneira silábica, mas também a criança inicia a escrita de unidade intrassilábicas.

Por fim, o nível alfabético, caracterizado pela correspondência sistemática entre fonemas e grafemas. Ao atingir uma



escrita desse nível, as crianças passam a enfrentar conflitos relacionados à ortografia das palavras.

É importante destacar que o mesmo caminho é percorrido pelas crianças com deficiência intelectual. Segundo Bonetti (1995), elas passam pelas mesmas etapas de aquisição da escrita alfabética, diferenciando-se apenas no ritmo de aprendizagem.

Por muitos anos, a deficiência intelectual (DI) foi considerada um obstáculo à aprendizagem, mas essa ideia estava diretamente relacionada a concepções médicas de compreender a deficiência intelectual. Raíça; Prioste e Machado (2006, p.15) explicam que “[...] a educação da pessoa com deficiência tem sido um desafio para os educadores, provocados a reverem suas práticas homogeneizadoras e, por isso, excludentes”.

Além das dificuldades em relação às práticas dos profissionais com alunos que apresentam deficiência intelectual, a literatura destaca algumas particularidades relacionadas ao desenvolvimento dessas pessoas, ao afirmar que elas passam pelas mesmas etapas de desenvolvimento que as pessoas sem deficiência (LURIA, 1974; POULIN, 1975; FIGUEIREDO e POULIN, 2008). No entanto, elas apresentam fragilidades na utilização dos esquemas intelectuais durante as situações de resolução de problema que podem comprometer a aprendizagem. Alguns estudos na área permitiram identificar diversos fatores que interferem nesse processo, são eles: competências de ordem motivacional (ZIGLER, 1969; FERRETTI, 1994; ZIGLER *et al* 2002), aprendizagem em contexto de pressão social e de dependência do outro (INHELDER, 1963; ZIGLER, 1969; ZIGLER *et al*, 2002) e ainda dificuldades em decorrência do déficit na utilização e na finalização dos instrumentos intelectuais. (PAOUR, 1991).

Estudos também asseveram que as crianças com DI também parecem ter um déficit no processo de tratamento da in-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



formação. Várias pesquisas evidenciaram déficits nos processos metacognitivos de resolução de problemas (FERRETTI; CAVALIER, 1991; CORNOLDI; CAMPARI, 1998; BUCHEL, 2005; BUCHEL; PAOUR, 2001), nos processos de atenção (LURIA; VINOGRADOVA, 1974; ZEAMAN; HOUSE, 1963; OKA; MIURA 2008), de memória de trabalho (ELLIS, 1969; GIBELLO, 1992; BUCHEL; PAOUR, 2001) e enfim, de transferência de aprendizagem em novos contextos (MASTROPIERI, SCRUGGS; SHIAH, 1997; BEBKO; LUHAORG, 1998; CAFFREY; FUCHS, 2007; JANSEN, DE LANGE; VAN DER MOLEN, 2013). Dessa maneira, são muitos os estudos que demonstram as fragilidades no funcionamento intelectual desses sujeitos.

Em relação à escrita, as pesquisas (KATINS, 1994; BONETTI, 1995; FIGUEIREDO, 2004; GOMES, 2001, 2006) evidenciaram que as pessoas com deficiência intelectual passam por processos cognitivos semelhantes às pessoas sem deficiência e apresentam os mesmos níveis conceituais podendo atingir o nível alfabético. No entanto, elas podem demorar mais tempo devido às fragilidades nos aspectos funcionais.

Fernandes e Figueiredo (2010), ao realizar uma pesquisa na rede pública municipal de ensino de Fortaleza - CE, identificaram três tipos de estratégias de escrita utilizadas por sujeitos com deficiência intelectual: a estratégia de identificação e associação de letras/palavras; estratégia de comparação de letras/palavras; e estratégia de apoio nas unidades sonoras de palavras/sílabas. Em seguida, descrevemos cada estratégia.

Na estratégia de identificação e associação de letras/palavras o aluno fazia uso de letras ou palavras do seu repertório para apoiar a sua escrita. As autoras explicam ainda que a utilização dessa estratégia indica a capacidade do sujeito realizar



associações, assim como também a capacidade de utilizar conhecimentos adquiridos anteriormente.

Quanto à utilização da estratégia de comparação de letras/palavras, diz-se que o sujeito faz uso dela quando consegue comparar produções escritas observando as semelhanças e diferenças. Essa comparação também pode ser realizada entre uma produção escrita e as letras ou palavras do seu repertório.

A estratégia identificada como apoio nas unidades sonoras das palavras/sílabas caracteriza-se “pela orientação sonora de uma sílaba ou palavra, para produzir a escrita”. (FERNANDES; FIGUEIREDO, 2010, p.90).

As estratégias mencionadas foram identificadas como emergentes do próprio sujeito e durante os momentos de mediação pedagógica. Esse fato nos leva a refletir mais uma vez sobre as práticas pedagógicas nas quais as crianças com deficiência intelectual estão sendo incluídas, uma vez que práticas que mecanizam o ato de ler e escrever não proporcionam o desenvolvimento de estratégias cognitivas.

Quanto à evolução do nível conceitual da escrita, Figueiredo (2012) cita o estudo realizado por Katims (1994), em que a autora observou que as crianças com DI apresentam uma evolução significativa na escrita quando são incluídas nas mesmas atividades de leitura e escrita que as crianças ditas normais.

Explorando os estudos de Figueiredo (2003a, 2003b, 2002, 2001), verificamos que, de acordo com a autora, as crianças com DI possuem esquemas que as capacitam a interpretar a língua escrita, mas apresentam dificuldade para utilizar esses esquemas. Foram identificados três tipos de comportamentos relacionados ao uso desses esquemas: os oscilantes, hesitantes e os consistentes.

Os oscilantes, trata-se do uso de esquemas que ainda não se encontram bem desenvolvidos; hesitantes, trata-se de

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



uma hesitação em utilizar seus esquemas, existe a dificuldade para fazer uso dos esquemas, embora já os tenham; e os Consistentes, trata-se da eficácia na utilização dos esquemas desenvolvidos.

Figueiredo (2012, p.38) complementa a explicação sobre os comportamentos citados com a seguinte explanação

A diferença observada entre os comportamentos de oscilação e hesitação é essencialmente na forma como a criança utiliza seus esquemas de interpretação. Enquanto algumas crianças hesitam por causa da dificuldade em aplicar seus conhecimentos, outras oscilam utilizando, em determinados momentos, esquemas de interpretação (que podem ser associados à indícios de uma evolução conceitual) e, em determinados momentos, não utilizando nenhum desses esquemas.

No entanto, a inconsistência no uso desses esquemas não se configura uma incapacidade para aprender, e sim representam, segundo a autora, o processo de maturação em desenvolvimento.

A partir desta breve explanação teórica, evidencia-se o eixo teórico de análise do presente trabalho que serviram de base para elaboração dos objetivos bem como a revisão de literatura que norteou o processo de análise de dados.

Procedimentos metodológicos

Participaram deste estudo cinco alunos com deficiência intelectual matriculados na rede pública municipal de ensino de Fortaleza - CE em turmas de 2º, 3º e 5º anos de duas escolas municipais, com idade entre 7 e 16 anos.

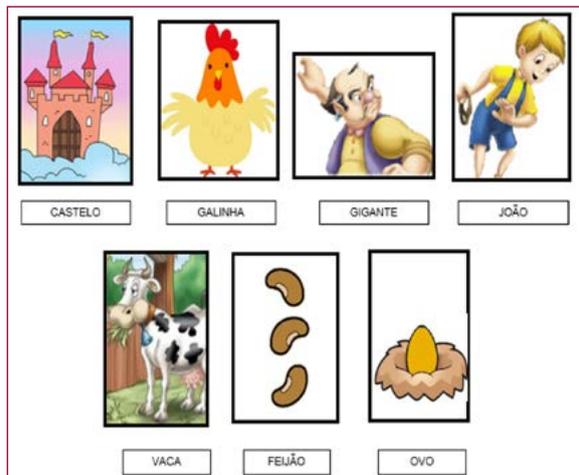
O procedimento consistiu na aplicação individual de uma avaliação do nível conceitual de escrita desses alunos.



Foram aplicadas quatro atividades, todas interligadas entre si e contextualizadas na leitura de uma versão do conto clássico *João e o Pé de Feijão*. Ressalta-se ainda que as atividades avaliativas foram desenvolvidas com base no livro *Avaliação da leitura e da escrita - uma abordagem psicogenética* organizada por Figueiredo *et al* (2009).

Neste trabalho, aborda-se especificamente a aplicação da atividade do ditado de palavras compostas por sílabas canônicas e não canônicas com apoio de imagens que tinha por objetivo identificar as hipóteses que os sujeitos elaboram sobre a escrita das palavras. O procedimento consistiu na proposição de sete imagens da história lida para os alunos, as quais eram apresentadas uma a uma para o aluno, e em seguida era solicitado que ele escrevesse a palavra correspondente à imagem visualizada, conforme imagem a seguir.

Figure 1 – Imagens utilizadas no teste ditado de palavras com imagens



Fonte: Editora Todolivro (imagens); elaborado pela pesquisadora.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Ressaltamos que entre a aplicação da atividade inicial e final, os sujeitos participaram de um estudo experimental que envolvia a produção de 10 textos por meio de um software de Comunicação Alternativa Scala Web na sala de recursos multifuncional (SRM) (BARROS, 2017). E, de modo paralelo, esses mesmos textos eram revisados e reescritos em duplas compostas por um sujeito com e sem deficiência em sala de aula comum. (OLIVEIRA, 2017).

A atividade no início da pesquisa tinha o intuito de identificar o nível psicogenético dos alunos, ao passo que no final visava analisar se houve evolução ou não no nível conceitual da escrita desses alunos. Nesse sentido, a avaliação tinha também o objetivo de identificar se os estudos de Barros (2017) e Oliveira (2017) tiveram ou não impacto sobre o processo de evolução conceitual da escrita dos sujeitos, bem como identificar os caminhos que as alunas percorreram para atingir tal nível conceitual.

Resultados e discussões

O ditado das sete palavras compostas por sílabas canônicas e não canônicas objetivou analisar as hipóteses que os alunos, participantes deste estudo, elaboravam sobre a escrita das mesmas, bem como verificar se houve evolução conceitual no nível de escrita desses alunos depois da participação nas pesquisas de Barros (2017) e Oliveira (2017).

Com base na avaliação inicial e final apresentamos o quadro com os resultados obtidos por aluna.



Tabela 1 – Comparativo do pré e pós-teste do ditado de palavras com o apoio da imagem

Ditado de palavras com imagens			
Aluna	Ano escolar	Avaliação inicial	Avaliação final
Karla*	5º	Silábico estrito com uso de letras pertinentes	Silábico estrito com uso de letras pertinentes
Renata	5º	Silábico-alfabético	Alfabético
Tereza	2º	Silábico inicial	Silábico-alfabético
Joana	3º	Silábico-alfabético	Alfabético
Jéssica	5º	Silábico estrito com uso de letras pertinentes	Silábico-alfabético

* Os nomes são fictícios para manter o anonimato dos alunos que participaram deste estudo.

Ao analisar os dados da avaliação inicial, constatamos que três alunas (Karla, Tereza e Jéssica) estavam no nível silábico e duas alunas (Renata e Joana) no nível silábico-alfabético. No entanto, as alunas que estavam no nível silábico apresentavam diferenças em relação a esse nível. Jéssica estava no nível silábico com valor estrito de consoante, enquanto que Tereza e Karla no nível silábico com valor de vogal. Quanto às alunas com escrita no nível silábico-alfabético, Renata e Joana demonstraram a escrita de unidades intrassilábicas na escrita das sílabas; sílabas compostas por vogais e consoantes pertinentes e o uso do til para a nasalização da sílaba.

Ao término do estudo, duas alunas apresentaram escrita com características do nível silábico-alfabético (Tereza e Jéssica); duas com características do nível alfabético (Renata e Joana) e Karla permaneceu com a escrita no nível silábico. Karla foi a única que não apresentou mudança no nível de escrita, talvez pelo fato de ter apresentado muitos problemas pessoais durante o desenvolvimento da pesquisa, mostrando inclusive sinais de depressão.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Segundo Ferreiro e Teberosky (1999) o nível silábico caracteriza-se quando a criança passa a fazer a correspondência termo a termo entre as partes gráficas e as partes do nome, por meio do procedimento de segmentação silábica. Esse nível corresponde à fonética da escrita, no qual a criança passa a estabelecer relações com os aspectos sonoros da linguagem. Nesse momento, ela passa a reconhecer a sílaba como a unidade de som das palavras e cada um desses sons da fala são representados com um sinal gráfico, o qual pode ser uma letra que corresponde ao valor sonoro convencional ou com qualquer letra, uma vez que, inicialmente, o que vai controlar é a quantidade de grafias que devem ser escritas. (TEBEROSKY, 2001; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999).

Tereza, no pré-teste, apresentou uma escrita do nível silábico inicial, visto que já tentava realizar a correspondência entre fonemas e grafemas durante a leitura dos seus escritos, mas a correspondência não ocorria de maneira estrita. No pós-teste, a aluna demonstrou uma escrita com características do nível silábico-alfabético, uma vez que passou a inserir na escrita das sílabas as unidades intrassilábicas, assim como representou graficamente uma palavra com escrita alfabética.

No nível silábico também existe uma escrita com sobreposição de vogais (escrita de Karla) a consoantes (escrita de Jéssica), mas, a partir do critério de quantidade e variedade mínima, a grafia vai se transformando, passando a utilizar a variação dos dois dentro da palavra, aspecto qualitativo. A situação complica durante a escrita de palavras dissílabas (que deveriam ser escritas com duas letras) e monossílabas (deveria ser escrita com uma), ocasionando um conflito na criança. Para resolver a situação, a criança faz uso de letras excedentes, além daquilo que a hipótese permite. (SILVA, 2016; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; FERREIRO, 2010).



Karla, no pré-teste, exibiu uma escrita com características do nível silábico estrito com uso de letras pertinentes, fazendo o uso sistemático de uma ou duas letras para representar cada sílaba. A pertinência das letras foi observada nas consoantes que compõem as palavras registradas. No pós-teste, Karla permaneceu com a escrita no mesmo nível conceitual e utilizou-se do prolongamento sonoro para realizar a correspondência fonema/grafema.

No pré-teste, Jéssica apresentou o uso sistemático de letras correspondentes às sílabas orais, sem o controle da quantidade de letras. No pós-teste, durante a escrita das palavras, a aluna realizou a leitura controle das palavras, apresentando uma consciência fonológica e silábica mais eficaz. Além disso, manifestou alguns conflitos em relação a escrita das palavras, o que demonstra a capacidade de perceber que existem “regras” que regem a escrita convencional. Durante a escrita da palavra “galinha”, inicialmente escreveu a sílaba “CA”, mas, ao oralizar a sílaba escrita, disse que não era “CA” e sim “GA”.

A criança, à medida que vai interagindo com a escrita, vai percebendo incoerências entre o seu modo de escrever as palavras e a forma convencional presente no meio social. Essa percepção originará um conflito que permitirá a criança evoluir para o nível alfabético. No entanto, não é um processo rápido, demanda tempo, o qual Ferreiro e Teberosky (1999) definiram como nível silábico-alfabético. No pré-teste, Joana e Renata já apresentaram uma escrita com características deste nível no qual,

A criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá mais além da sílaba devido ao conflito entre a hipótese silábica e a exigência de quantidade mínima (exigência interna) e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe trans-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



mite e a leitura dessas formas (realidade exterior) (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 124).

Em relação a Joana, no pré-teste, ela realizou a escrita das palavras controlando, por meio da segmentação, às vezes silábica e outras vezes por meio da segmentação alfabética das palavras, com valor sonoro convencional. A maior dificuldade foi durante a escrita da palavra “ovo”, a qual iniciou escrevendo “lo”, mas ao realizar a leitura controle apagou e escreveu “vovo”.

É um momento difícil para a criança, no qual ela precisa coordenar as hipóteses que elaborou com as informações que o meio lhe apresenta. Nesse nível, a correspondência entre o som e a escrita é mais aproximada e apresenta características da escrita alfabética. (SILVA, 2016; FERREIRO; TEBEROSKY, 1999; FERREIRO, 2010).

O aluno que atinge o nível *alfabético* passa a compreender que existem unidades sonoras menores que a sílaba e analisa as palavras a partir dos fonemas. Inicialmente, o sujeito escreve exatamente do jeito da fala e, à medida que vai interagindo com diferentes materiais escritos, passa a perceber as peculiaridades da língua. Portanto, não basta o sujeito atingir o nível alfabético para escrever de forma convencional. Ele tem que aprender as propriedades de outro sistema, o ortográfico. Neste trabalho, não trataremos do sistema ortográfico da escrita, visto que a literatura orienta não trabalhar a questão da ortografia antes das crianças se apropriarem da escrita alfabética.

Os dados revelam que, das cinco alunas, quatro delas apresentaram evolução no nível conceitual da escrita, entre o início e o fim das pesquisas. Destas, destacamos a aluna Tereza, cuja escrita evoluiu do nível silábico inicial para o silábico-alfabético, demonstrando um avanço bastante significativo dado



as fragilidades apresentadas por alunos com deficiência intelectual em utilizar seus esquemas de interpretação da língua escrita e dado o curto período de intervenção do estudo.

Deste modo, os resultados acima descritos permitem pensar que a participação das alunas nas pesquisas de Barros (2017) e Oliveira (2017) exerceu influência positiva na evolução do nível conceitual de escrita, visto que permitiu às alunas interagir ativamente com a cultura escrita e, a partir dessa interação, construir a sua própria linguagem, por meio do levantamento e confrontação de hipóteses com os diferentes tipos de escrita social. Além disso, demonstrou também que assim como as crianças sem deficiência, as crianças com deficiência intelectual também percorrem de forma linear os mesmos níveis de escrita destacados nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1999).

Considerações finais

A comparação entre a avaliação inicial e final indicam que as cinco alunas participantes da pesquisa evoluíram de maneira diferenciada, visto que ao término da pesquisa duas avançaram para o nível conceitual silábico-alfabético de escrita e duas para o nível conceitual alfabético. Apenas a aluna Karla iniciou e finalizou a pesquisa com a escrita no nível conceitual silábico estrito com uso de letras pertinentes.

Os resultados da pesquisa indicam que, embora os alunos com deficiência intelectual demonstrem inconstância no uso dos esquemas de interpretação da língua escrita, esses sujeitos podem evoluir no nível conceitual da linguagem escrita desde que participem de uma prática pedagógica que proporcione atividades nas quais a leitura e a escrita tenha significado social, tal como ocorre com os alunos sem esse tipo de deficiência.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



Pode-se concluir também que os níveis de escrita identificados nas produções das alunas com deficiência intelectual que participaram da pesquisa são semelhantes aos níveis identificados por Ferreiro e Teberosky (1999) na escrita de crianças sem esse tipo de deficiência.

Acredita-se que, assim, como na pesquisa de Gomes e Figueiredo (2010), a mediação realizada com os alunos com deficiência intelectual (seja ela exercida por professor ou por colega com proximidade de nível conceitual de escrita) durante o desenvolvimento da pesquisa de Barros (2017) e Oliveira (2017) foi fundamental para os avanços no nível conceitual de escrita, influenciando diretamente os avanços observados. Constatou-se também que os alunos com deficiência intelectual demonstram a capacidade de participar das mesmas atividades planejadas para a turma, respeitando-se seu ritmo de aprendizagem.

Referências

BARROS, Francisca Jamília Oliveira de. **O desenvolvimento da escrita de sujeitos com deficiência intelectual por meio do software Scala Web**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2017.

BEBKO, James. M.; LUHAORG, H. The development of strategy uses and metacognitive processing in mental retardation: Some sources of difficulty. In: BURACK, J. A. e HODAPP, R. M. (Eds.). **Handbook of mental retardation and development**. New York, NY, US: Cambridge University Press. 1998. p. 382-407.

BONETI, Rita Vieira de Figueiredo. **L' émergence du langage e'crit chez les enfants présentant une déficience intellectuelle**. Université Laval. Québec. 1995.



BÜCHEL, Fredi P.; PAOUR, Jean-Louis. Déficience intellectuelle: deficits et remediation cognitive. **Enfance**. vol. 57 (3). 2005. p. 227-240.

BÜCHEL, Fredi P.; PAOUR, Jean-Louis; SCHLATTER, Christine. Apprentissages cognitifs. In: RONDAL, Jean. A. COMBLAIN, Annick. (Org.). **Manuel de psychologie des handicaps – Sémiologie et principes de remédiation**. Sprimont (Belgique): Mardaga. 2001. p. 49-80.

CAFFREY, Erin; FUCHS, Douglas. Differences in performance between students with learning disabilities and mild mental retardation: Implications for categorical instruction. **Learning Disabilities Research & Practice**. Vol. 22. 2007. p. 118-127.

CONDEMARIM, Mabel; MEDINA, Alejandra. **Avaliação Autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação**. Porto Alegre: ArtMed. 2007.

CORNOLDI, Cesare. CAMPARI, S. Connaissance métacognitive et contrôle métacognitif dans le retard mental. In: BÜCHEL, Fredi. P. et al. (Org.). **Attention, mémoire, apprentissage études sur le retard mental**. Lucerne: Edition SZH/SPC. 1998. p. 119-128.

ELLIS, Noman R. A behavioral research strategy in mental retardation: defense e critique. **American journal of mental deficiency**. p. 557-566. 1969.

FARIA, Evangelina Maria Brito de; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. Avaliação na alfabetização na perspectiva de um currículo inclusivo. In: BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o ciclo de alfabetização**. Caderno 01. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. - Brasília: MEC, SEB, 2015. p. 31-42.

FERNANDES, Anna Costa; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. A apropriação de estratégias de escrita por alunos com deficiên-

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



cia intelectual. In: FIGUEIREDO, Rita Vieira de, ROCHA, Silvia Roberta da Mota e GOMES, Adriana Lima Verde (org). **Práticas de leitura no contexto da escola das diferenças**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 79-97.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERRETI, Ralph P. Cognitive, social and contextual determinants of strategie production: comments on Bray et al. **American Journal on Mental Retardation**, v. 99, p. 32-43, 1994.

FERRETI, Ralph. P.; CAVALIER, Albert R. Constraints on the problem solving of persons with mental retardation, In: N. W. Bray (Ed.). **International review of research in mental retardation**. San Diego: Academic Press, 1991. v. 17. p. 153-192.

FIGUEIREDO, Rita Vieira. **Deficiência intelectual: cognição e leitura**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

_____. *et al.* **Avaliação da leitura e da escrita: uma abordagem psicogenética**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. POULIN, Jean-Robert. Aspectos funcionais do desenvolvimento cognitivo de crianças com deficiência mental e metodologia de pesquisa. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo. Ed. Cortez. 2008. p. 245-263.

FIGUEIREDO, Rita Vieira de. El aprendizaje de la lengua escrita em sujetos com deficiencia mental. In: **IV Congreso Internacional sobre adquisición de lãs lenguas del estado**. Salamanca: Universidade de Salamanca, 2004.

_____. ROCHA, Ingrid L. A manifestação de habilidades metacognitivas em sujeitos com deficiência mental. **Anais do ENCONTRO DE PESQUISA DO NORTE E NORDESTE – Educação, Pesquisa e Diversidade Regional**. Aracaju. 2003.

_____. SALUSTIANO, Dorivaldo; FERNANDES, Anna Costa. Mediações da aprendizagem da língua escrita por sujeitos



com deficiência mental. In: CRUZ, S. H. V., PETRALANDA, M. (Org.). **Linguagem e educação da criança**. Fortaleza: Editora UFC, 2004, p. 317-329.

GIBELLO, Bernard. Déficience mentale et mémoire. **Revue francophone de la déficience intellectuelle**. v. 3. p. 22-25. Maio. 1992.

GOMES, Adriana Leite Limaverde. **Como subir nas tranças que a bruxa cortou?** Produção textual de alunos com e sem deficiência intelectual. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, 295 f, 2006.

GOMES, Adriana Leite Limaverde; FIGUEIREDO, Rita Vieira de. Alunos com deficiência intelectual de classe social e média e economicamente desfavorecida: estudo comparado sobre a aprendizagem da leitura. In: FIGUEIREDO, Rita Vieira de, ROCHA, Silvia Roberta da Mota e GOMES, Adriana Limaverde (org). **Práticas de leitura no contexto da escola das diferenças**. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p.61-77.

INHELDER, Bärbel. Le diagnostic du raisonnement chez les débiles mentaux. col. **Actualités pédagogiques et psychologiques, Delachaux et Niestlé, Neuchâtel/Paris**, 1943. 2^{ème} édition: 1963. Préface de Jean Piaget.

JANSEN, Brenda R. J.; DE LANGE, Eva; VAN DER MOLEN, Mariët. J. Math practice and its influence on math skills and executive functions in adolescents with mild to borderline intellectual disability. **Research in developmental disabilities**, v.34. n.5. 2013. p.1815-1824.

KATIMS, D. S. **Emergency literacy in preschool children with disabilities**. Learning Disability Quaterly, 1994.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22^a edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

LURIA, Alexander R; VINOGRADOVA, Olga S. Particularités des reflexes d'orientation chez les oligophrènes In: A.R. Luria

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO



(ED). **L'enfant retardé mental**. Toulouse: Édouard Privas Éditeur. cap. 4. (p. 119-129), 1974.

MASTROPIERI, Margo A; SCRUGGS, Thomas E.; RWEY-LIN, Shiah. **Can computers teach problem-Solving strategies to students with mild mental retardation? Remedial and special education**. 18 (3). 1997.

OKA, Kohei; MIURA, Toshiaki. Allocation of attention and effect of practice on persons with and without mental retardation. **Research in Developmental Disabilities**. vol. 29 (2). 2008. p. 165-175.

OLIVEIRA, Neidyana Silva de. **Revisão e reescrita de textos produzidos por meio do sistema *Scala web* por alunos com deficiência intelectual incluídos na sala de aula comum**. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2017.

PAOUR, Jean-Louis. **Un modèle cognitif et développemental du retard mental pour comprendre et intervenir**. Thèse de doctorat d'État, Université de Provence - Aix-Marseille I. 1991.

POULIN, Jean-Robert. **Rééducation de type opératoire basée sur l'intériorisation de l'action et appliquée à des enfants ayant une déficience intellectuelle légère âges de six et sept ans**, 1975. (Thèse de maîtrise). Université Laval, 1975.

RAIÇA, Darcy; PRIOSTE, Cláudia; MACHADO, Maria Luiza Gomes. **Dez questões sobre a educação da pessoa com deficiência mental**. São Paulo: Avercamp, 2006.

SILVA, Camila Barreto. **Aprendizagem cooperativa no contexto da sala de aula: a análise da evolução psicogenética da língua escrita de alunos com deficiência intelectual**. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza. 2016.



TEBEROSKY, Ana. O ingresso na escrita. In: PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquín Ramos. **Ensinar ou aprender a ler e a escrever?** Aspectos teóricos do processo de construção significativa, funcional e compartilhada do código escrito. Porto Alegre. Ed. Artmed. 2001. p. 85-91.

VERNON, Sofía; FERREIRO, Emília. Desenvolvimento da escrita e consciência fonológica: uma variável ignorada na pesquisa sobre consciência fonológica. In: **O ingresso na escrita e nas culturas do escrito.** FERREIRO, Emília. São Paulo: Cortez, 2013, p.191-217.

ZEAMAN, David; HOUSE, Betty J. The role of attention in retarded discrimination learning. In: ELLIS, N. R. **Handbook of mental deficiency**, chapitre 5. New York: Mc Graw-Hill Book Company. 1963. p. 159-223.

ZIGLER, Edward. Developmental versus difference theories of mental retardation and the problem of motivation. **American Journal of Mental Deficiency.** v. 73, p. 536-566, 1969.

ZIGLER, Edward *et al.* Assessing personality traits of individuals with mental retardation. **American Journal on Mental Retardation.** v. 107. n.3. p. 181-193. 2002.

ORGANIZADORES

MARIA ISABEL FILGUEIRAS LIMA CIASCA • RAIMUNDO HÉLIO LEITE • JOCYANA CAVALCANTE DA SILVA • LUCAS MELGAÇO DA SILVA
NÁGILA RABELO DE LIMA • MARIA AUREA • MONTENEGRO ALBUQUERQUE GUERRA • PABLO CARVALHO DE SOUSA NASCIMENTO
RITA DE FÁTIMA MUNIZ • VERA LÚCIA PONTES JUVÊNCIO